



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 2, maio-ago. 2022

DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS NO ROMANCE *HOW THE GARCÍA GIRLS LOST THEIR ACCENTS* DE JULIA ALVAREZ



IDENTITY DISPLACEMENTS IN THE NOVEL *HOW THE GARCÍA GIRLS LOST THEIR ACCENTS* BY JULIA ALVAREZ

Lara Portella da SILVA
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 04/02/2022 • APROVADO EM 21/07/2022
DOI: 10.47295/mgren.v11i2.385

Resumo

Os estudos de literaturas de fluxos migratórios procuram investigar os efeitos do deslocamento espacial e cultural em imigrantes e como as suas vidas são afetadas pelo contexto sociocultural em que estão inseridos. No romance *How The García Girls Lost Their Accents*, as histórias de vida de uma família dominicana-americana são abordadas com enfoque nas personagens Carla, Sandra, Yolanda e Sofia, as irmãs, cujas identidades são o eixo de estudo do artigo. O texto contempla a forçada mutação de identidades, o que tem como causa o ambiente espacial e o contexto social norte-americano. O presente artigo pretende trazer uma interpretação sobre os fenômenos que contribuíram tanto para as tentativas de construção das identidades americanas como para o apagamento das identidades dominicanas das meninas. Utiliza-se o aporte teórico de textos que abordam os estudos culturais a fim de analisar os temas centrais do enredo da obra ficcional. Assim, será demonstrado como as meninas García sofrem o processo de descentralização de si mesmas como consequência do deslocamento identitário pelo qual passam, resultando na fragmentação do “eu” de cada uma.

The studies of migration flows literature expect to investigate the effects of spatial and cultural displacement on immigrants and how their lives are affected by the sociocultural context in which they are inserted. In the novel *How The García Girls Lost Their Accents*, the life stories of a Dominican-American family are approached, focusing on the characters Carla, Sandra, Yolanda and Sofía, the sisters, whose identities are the axis of study of the article. The text contemplates the forced mutation of identities, which is caused by the North American spatial environment and social context. The present article intends to bring an interpretation of the phenomenons that contributed both to the attempts to construct American identities and to the erasure of the Dominican girl's identities. The theoretical contribution of texts that address the cultural studies is used in order to analyze the plot's central themes of the fictional work. Therefore, it will be demonstrated how the García girls suffer the process of decentralization of themselves as a consequence of the identity displacements they go through, resulting in the fragmentation of the "self" of each one.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Identidade. Fluxos Migratórios. Estudos Culturais.

Keywords: Identity. Migration Flows. Cultural Studies.

Texto integral

Introdução

Os Estudos Culturais integram um campo de pesquisa que tem crescido nas últimas décadas e, conseqüentemente, a análise de textos literários que dialogam com temas relacionados a esse eixo, a exemplo da Literatura de fluxos migratórios (MATHIAS, 2018). Esse campo de estudo procura abordar como as deslocamentos espaciais e culturais, muitas vezes em consequência das forças políticas ditatoriais e da miséria nacional, interferem em dinâmicas identitárias de personagens literárias. Dessa forma, autores latinos inseridos em fluxos migratórios como imigrantes nos Estados Unidos passam a usar a língua inglesa como recurso para escrever sobre essas temáticas, além de, através das artes – neste caso, a literária –, revelarem suas inquietações através da busca pelas suas identidades e pela legitimação de sua presença nesse país (FERNANDES, 2007, p. 88).

Com efeito, durante todo o século XX, a América Latina foi palco de diversos sistemas ditatoriais, o que teve como consequência o deslocamento em massa de latino-americanos para os Estados Unidos. Com a República Dominicana, esse contexto não foi diferente. Em razão do constante terror diário implementado pelo governo de Trujillo (1930-1961), muitos dominicanos fugiram da sua nação para os Estados Unidos com a intenção de escapar da sensação de constante medo e insegurança causada por um governo autoritário.

Assim, muitos dos autores contemporâneos retratam a vida nos Estados Unidos, sobre o exílio e suas experiências com o racismo dentro das políticas raciais americanas (ROSARIO, 2010, p. 3), mas também abordam suas experiências do passado, a desestabilização de identidade, a pressão de assimilação e a busca pelo sonho americano. Nisso, esses autores se juntam a outras vozes transnacionais que retratam a refração da imigração (MATHIAS, 2013; MATHIAS, 2021). Todos esses temas se relacionam com o elemento identitário dessas narrativas de fluxos migratórios, uma vez que a identidade pode ser reestruturada, banida ou construída conforme os fatores sociais e espaciais em que a personagem está inserida. Ao cruzar por diferentes fronteiras geográficas e culturais, algumas identidades podem

ser bem-vindas ou indesejadas em determinado lugar, podendo essa intolerância ser clara ou implícita.

Julia Alvarez faz parte desse grupo de autores contemporâneos que escreve sobre sua experiência ao migrar com a sua família da República Dominicana para os Estados Unidos, implementando em seus romances temas como identidade, memória, (re)adaptação e preconceito. A autora nasceu em Nova Iorque, porém, passou a maior parte da sua infância na República Dominicana, onde morava com seus pais e irmãs. O seu pai era membro de um movimento de resistência contra a ditadura de Trujillo e, sendo assim, precisou fugir para os Estados Unidos com a sua mulher e filhas quando Alvarez tinha apenas dez anos de idade.

A literatura de Alvarez pode ser considerada tanto pertencente à literatura Dominicana-Americana como à literatura Caribenha Hispano-Americana, segundo Ramirez (2008, p. 16). A autora já recebeu prêmios como *American Academy of Poetry Prize* (1974), *the Benjamin T. Marshall Prize in Poetry* (1968-1969), *the National Book Critics' Award*, *the National Endowment for the Arts grant for poetry in* (1987-1988), dentre outros. Ademais, ela é integrante da *Academy of American Poets* e do *Latin American Writers Institute*.

O objeto de estudo deste artigo é o romance *How The García Girls Lost Their Accents*, o qual foi escrito por Julia Alvarez e publicado em 1991. O romance, de certo modo, reflete a infância de Alvarez ao trazer a história de quatro irmãs, Sofia, Yolanda, Sandra e Carla, que precisaram abandonar a República Dominicana com os seus pais para se refugiarem nos Estados Unidos em vista do regime militar de Trujillo. A obra mostra a vida de todas as irmãs em relação aos acontecimentos mais marcantes em suas histórias. É possível acompanhar a adaptação das meninas em um novo país cuja língua não falam, seus processos de desconexão com suas culturas de origem e construção de novas identidades influenciadas pelas interações interculturais e pelo espaço em que se encontram.

Esse artigo tem como objetivo principal a análise das transgressões e repressões identitárias das irmãs García no contexto de imigração em que elas estão inseridas. Pretende-se discutir como as suas identidades são modificadas de acordo com suas experiências pessoais e coletivas dentro de um lugar completamente desconhecido. Espera-se exemplificar o processo de desamparo cultural que as meninas sofrem, motivo da sensação de deslocamento de si mesmas, do espaço e dos outros durante as suas histórias de vida. Em primeiro lugar, o artigo traz os tópicos de identificação, americanização e o encontro do “eu” (*self*) que estão dentro do tema de identificação. Por conseguinte, são abordados os tópicos de pertencimento, apagamento e desconexão que integram o tema de desidentificação.

A metodologia do presente artigo é baseada no levantamento bibliográfico referente aos conceitos explorados nas seções de análise. Assim, utiliza-se como aporte teórico obras provenientes dos estudos de fluxos migratórios, bem como obras mais delimitadas dentro do estudo de construções identitárias. Dessa forma, ao realizar a análise dos processos de identificação e desidentificação das irmãs García, o presente trabalho seguirá o suporte bibliográfico desses textos a fim de apresentar como ocorrem esses processos e as suas consequências na narrativa.

Pertencimento

As vozes narrativas do romance deixam evidente que, na grande maioria dos acontecimentos, as meninas possuem um sentimento de estranhamento nos Estados Unidos, como se fossem as únicas não adaptadas com o idioma e o lugar. A solidão dentro de um país tão grande, em sua extensão e população, é resultado da desidentificação das irmãs com aquele espaço.

Quando Yolanda comenta com o leitor que finalmente se identifica com alguém, vê-se o quão problemática é a situação em que elas estão, o quão desconexa é a realidade daquela família em relação ao espaço:

Eu me senti profundamente deslocada. A única pessoa com quem eu parecia ter algo em comum era o ausente Rudolf Brodermann Elmenhurst, o terceiro, que também tinha um nome estranho e que estava fora disso porque ele não estava lá.¹

Essa declaração é referente a um momento em que Yolanda está em um ambiente acadêmico com a impressão de que é a única “fora do lugar” ali, além da personagem mencionada que está, literalmente, ausente. Assim, o deslocamento vivenciado é tanto físico como cultural, o que afeta profundamente a concepção que a personagem tem de si mesma. O estranhamento que permeia a vida da Yolanda, em específico, pode ter sido o motivo para o seu colapso mental que sucedeu anos à frente na narrativa. Todas essas pequenas situações de exclusão se acumulam emocionalmente e psicologicamente e que, quando liberadas, acabam por serem expelidas de forma violenta, suscitando em desequilíbrios psíquicos, como o sofrido por Yolanda e Sandra em maior gravidade. Segundo Kwane, em *The Lies that Blind*,

Isso se deve à segunda coisa importante que identidades compartilham: elas importam para as pessoas. E importam, primeiro, porque ter uma identidade pode lhe dar um senso de como você se encaixa no mundo social. Toda identidade torna isso possível, isto é, que você possa falar como um “eu” dentre algum “a gente”: pertencer a algum “nós”.²

Dessa forma, por não haver representatividade na vida das meninas García, e, quando há, tende a ter uma conotação negativa, elas não se enxergam em lugar algum naquele país, e, assim, as suas existências perante a tal lugar começam a ser questionadas e deslegitimadas. Viver envoltas por um sentimento de incômodo, tanto delas perante o lugar quanto dos americanos em relação a elas, passa a ser uma realidade, a exemplo da vizinha, apelidada de *La Bruja* pelas meninas, que rejeitava qualquer ligação com eles, os García, os outros, como visto no fragmento:

A velha no apartamento de baixo, que tinha um capacete de cabelo azul de salão de beleza, esteve reclamando ao síndico desde o dia em que a família se mudou há alguns meses. Os Garcías deveriam ser despejados. A comida deles fedia. Eles falavam muito alto e não em inglês. As crianças soavam como uma manada de burros selvagens.³

¹ “I felt profoundly out of place. The only person I seemed to have anything in common with was the absent Rudolf Brodermann Elmenhurst, the third, who also had an odd name and who was out of it because he wasn’t there.” (ALVAREZ, 1991, p. 89).

Todas as traduções são da autora deste artigo.

² “That’s because of the second important thing identities share: they matter to people. And they matter, first, because having an identity can give you a sense of how you fit into the social world. Every identity makes it possible, that is, for you to speak as one “I” among some “us”: to belong to some “we.” (KWAME, 2018, p. 9).

³ “The old woman in the apartment below, who had a helmet of beauty parlor blue hair, had been complaining to the super since the day the family moved in a few months ago. The Garcías should be evicted. Their food smelled. They spoke too loudly and not in English. The kids sounded like a herd of wild burros.” (ALVAREZ, 1991, p. 170).

Ou seja, a família latina é motivo de incômodo simplesmente por estar a uma curta distância dessas pessoas. Eles precisam andar pelo cômodo, eles precisam respirar, como responde Laura, a mãe das meninas.

Ademais, ao imigrarem tão jovens para os Estados Unidos, as identidades das irmãs García sofrem um processo de transformação, uma vez que elas são moldadas por influência da cultura americana. Assim, quando elas chegam na fase adulta e estão há anos nos Estados Unidos, percebem que se encontram em um limbo identitário. Não se identificam mais como dominicanas, – a quebra do vínculo linguístico comprova isso –, nem como americanas, visto que não são nativas, o que basta para que sejam vistas como parte “dos outros” dentro dos Estados Unidos. Essa construção identitária, majoritariamente estadunidense, pode ter ocorrido devido às suas abruptas inserções em uma cultura desconhecida assim que chegam no país.

Ao passo que se encontram mais imersas na cultura estadunidense, mais distantes elas se tornam de suas próprias culturas, da língua espanhola. O título da obra pode ser interpretado como uma referência ao processo que levou essas meninas dominicanas a perderem as suas identidades como consequência da criação de outras, de acordo com o lugar que se encontravam. A exposição prolongada na cultura americana, reconhecida como dominante, causa a supressão de suas identidades originais ao priorizar a construção de uma identidade pertencente aos padrões norte-americanos. Assim, essas novas identidades americanas são necessárias para que as irmãs tenham acesso a esse espaço social, ou seja, sua socialização nesse lugar prevê internalizar os códigos culturais imperantes a fim de terem o domínio deles.

O enaltecimento dos Estados Unidos, exercido através de todos os meios – família, mídia, relações sociais –, corroborou uma nova formação identitária das meninas. Elas imigraram jovens, então os estímulos externos afetaram-nas, uma vez que seus processos de construção identitária estavam sensíveis, podendo ser influenciados facilmente. Além disso, o fato de estarem em um lugar que não silenciava as suas vozes – não através de um governo ditatorial, pelo menos – trouxe uma visão de superioridade do país e, conseqüentemente, uma visão negativa da República Dominicana, como visto no trecho dito por Laura: “Aqui é a América, Papi, América! Você não está mais em um país selvagem”⁴. Assim, as meninas crescem com a ideia de que os Estados Unidos é o norte existencial e, portanto, suas latinidades precisam ser afastadas se desejam fazer parte da nação civilizada.

Segundo Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987, p. 12-13). Os sistemas culturais são mecanismos que permitem que o indivíduo se enxergue na sociedade e no mundo. Assim, como as irmãs García estão imersas completamente no sistema cultural americano, seria pouco provável que suas identidades permanecessem fixas e estagnadas, uma vez que elas utilizam esse novo contexto para pensar e projetar seus *selves* no futuro.

Quando adultas, elas estão cada vez mais próximas dos Estados Unidos, à proporção que se tornam, conseqüentemente, mais distantes da República Dominicana. Dessa forma, a língua inglesa, que assim que imigraram era tida como um empecilho em suas novas realidades, passa a dominar os seus vocabulários, resultando no esquecimento das suas línguas maternas. Nesse âmbito, a língua possui o papel de representação e apropriação da realidade, então, ao

⁴ “This is America, Papi, America! You are not in a savage country anymore!” (ALVAREZ, 1991, p. 146).

internalizarem a língua inglesa, as meninas passam a carregar todos os valores, sistemas semióticos e narrativas inscritas no idioma.

Determinada imersão é rápida devido às suas poucas idades. Portanto, um dos primeiros indícios de que as irmãs García estão iniciando as suas conexões mais profundas com aquele novo país passa-se no episódio em que Yolanda é escolhida para discursar no Dia do Professor na sua escola. É pedido a ela que escreva um discurso, e, após muitas tentativas, Yolanda finalmente chega no resultado que deseja, isto é, sente-se ela mesma, pela primeira vez, por meio da língua inglesa: “Quando Yoyo acabou, ela leu suas palavras e seus olhos se encheram. Ela finalmente soava como ela mesma em inglês!”⁵. A personagem está à procura de si mesma dentro desse código dominante. Esse processo é árduo, demorado e exigente, visto que o sistema cultural inscrito na língua espanhola é a única compatibilidade que ela tem com a sua imagem.

Através dos anos decorridos na narrativa, o leitor tem conhecimento de que Yolanda escreve poemas e os declama publicamente na língua inglesa. Isto é, fica evidente, com o domínio do inglês, que o código indesejado, a língua espanhola, torna-se cada vez mais distante do seu contexto em um sistema dominante, levando ao esquecimento da sua primeira língua.

Segundo Joël Candau, em *Memória e Identidade*,

[...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de ‘traços culturais’,- vinculações primordiais -, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociosituacionais - situações, contexto, circunstâncias -, de onde emergem os sentimentos de pertencimento [...]. (CANDAU, 2018, p. 27).

Devido a esses elementos, o vínculo identitário das irmãs García é criado, moldado e apagado. Ainda que possuam um laço forte com os Estados Unidos, construído através dos muitos anos de sua residência no país, o fato de serem imigrantes não permite que elas se sintam completamente pertencentes, uma vez que sempre serão vistas como “de fora”, como pertencentes a outro lugar pelo grupo dominante.

É nítido que as meninas não possuem qualquer tipo de referência, não estereotipada, de suas culturas originárias nos Estados Unidos e, como consequência, crescem com os parâmetros americanos à medida em que suas identidades são arquitetadas de acordo com os espaços em que estão. Assim, nota-se que seus dois vínculos identitários estão em condições de fragilização, ou seja, mesmo quando, em raros momentos, encontram identificações, elas tendem a ser quebradiças e passageiras.

Dessa forma, a perda de seus sotaques é fruto do apagamento de suas raízes, das suas progressivas e profundas imersões em uma nação diferente que vende o sonho de uma vida livre e justa para seus cidadãos. Porém, a problemática do pertencimento àquele espaço se inicia quando os García não são tratados como cidadãos, mas como estrangeiros.

Despertencimento

Ao longo da narrativa, torna-se explícito que, diferente das pessoas não imigrantes, as meninas não têm o suporte de um lugar o qual cumpra a função de

⁵ “When Yoyo was done, she read over her words, and her eyes filled. She finally sounded like herself in English!” (ALVAREZ, 1991, p. 143).

um abrigo, o qual acolha suas identidades nos Estados Unidos. O despertencimento e desamparo, assim como a solidão e a frieza, rodeiam-nas todos esses anos nos Estados Unidos, lugar em que vivem desde muito novas, mas que não podem considerar seus lares. Assim, elas urgem por uma identificação com o espaço em que estão, porém como não encontram esse vínculo compatível, permanecem retornando as suas memórias de quando ainda estavam na República Dominicana e suas identidades não eram, visivelmente, ameaçadas.

Essa forçada adaptação por até um tempo podia ser vista como completa, porém, quando as meninas García passam a entrar na vida adulta, percebem que possuem assuntos não resolvidos em relação aos seus traumas sofridos devido à imigração. Yolanda apenas tem consciência de que está “em casa” quando retorna para a República Dominicana anos depois: “É disso que ela esteve sentindo falta todos esses anos sem realmente saber que esteve sentindo falta. Parada aqui no silêncio, ela acredita que nunca se sentiu em casa nos Estados Unidos, nunca”⁶.

O autoconhecimento perpassado por elas se torna mais complexo à medida em que refletem cada vez mais sobre suas identidades, onde são acolhidas e indesejadas. Em certo momento, a narrativa traz uma teoria pensada por Carla:

A mais velha, uma psicóloga de crianças, repreendeu a mãe em um artigo autobiográfico, “Eu também estava lá”, ao dizer que o sistema racial enfraqueceu as habilidades de diferenciação de identidades das quatro meninas e as tornou para sempre incertas sobre as barreiras da personalidade.⁷

A identidade delas, dominicanas-americanas, por ser um conjunto conflitante, traz problemas psicológicos, especialmente para Yolanda e Sandra, que sofrem colapsos mentais quando adultas, frutos das repressões a que foram submetidas em diferentes aspectos de suas vidas.

O bloqueio emocional que elas constroem é consequência, para Yolanda, das decepções afetivas sofridas por ela, exemplo do seu breve romance com Rudy, seu colega da faculdade, que terminou justamente pela não aceitação da personagem com a personalidade de Yolanda, sua mistura de catolicismo e agnosticismo assim como hispânica e americana. Em relação à Sandra, ela foi impedida de se expressar desde nova, quando seu interesse pela arte foi negado, fazendo com que não restasse espaço para que sua voz fosse ouvida.

Ao demonstrar os processos de descoberta das meninas para com as suas identidades, a obra *How The García Girls Lost Their Accents* traz o tema da mutabilidade e flexibilidade dos sentimentos de pertencimento e identidade. Caso elas não precisassem se mudar para outro país tão novas, ou seja, se tivessem permanecido na sua terra natal, com a sua cultura de origem e o restante de sua família, elas, possivelmente, nunca se sentiriam deslocadas do espaço e de si mesmas e, conseqüentemente, não teriam criado traumas e barreiras emocionais.

Segundo Bauman (2004), mesmo quando alguém inicia a se sentir em todo lugar como se estivesse em casa, o preço a ser pago é saber que nenhum lugar será realmente e completamente o seu lar. No romance, é possível observar que, mesmo nos momentos em que as irmãs criam alguma identificação com os Estados Unidos e começam a pensar que estão se adequando, a problemática do não pertencimento

⁶ “This is what she has been missing all these years without really knowing that she has been missing it. Standing here in the quiet, she believes she has never felt at home in the States, never.” (ALVAREZ, 1991 p. 12).

⁷ “The eldest, a child psychologist, admonished the mother in an autobiographical paper, ‘I Was There Too’, by saying that the color system had weakened the four girls’ identity differentiation abilities and made them forever unclear about personality boundaries.” (ALVAREZ, 1991, p. 41).

surge com força posteriormente, o que as faz garantir que realmente não estão “em casa”.

Em um certo episódio, quando os García completam um ano de residência nos Estados Unidos, a família se reúne e comemora o aniversário de imigração. Entretanto, Carla, que, por ser mais velha, possui vínculos mais fortificados com a República Dominicana do que as suas irmãs, não enxerga o sentido de comemorar o dia em que, segundo ela, perdera tudo. Dessa forma, seu único desejo é retornar para o seu país, seu lar:

Ela deveria fazer um esforço e não desejar o que ela sempre desejou em sua saudade de casa. Mas apenas dessa última vez, ela se permitiria: “Querido Deus”, ela começou. Ela não conseguia se acostumar à maneira americana de fazer desejos e não mencionar Deus. “Por favor, deixe que a gente volte para casa, por favor”, ela metade rezou e metade desejou.⁸

Percebe-se que há um estranhamento até mesmo em realizar um pedido e oração em outra língua, uma vez que os estadunidenses não acrescentam o elemento religioso, diferente do que Carla presenciou toda a sua vida até então. Em suma, os Estados Unidos não é a terra natal das meninas e não se torna o lar delas conforme o passar dos anos, o que gera uma confusão perceptiva delas sobre elas mesmas. As meninas anseiam fazer parte de uma comunidade, de um lugar no qual sejam acolhidas, e apenas encontram essa sensação quando retornam à República Dominicana. Isso revela que a estadia delas nos Estados Unidos é extremamente difícil, pois não desejam estar ali e, de certa maneira, não estão, pois costumam viver no passado a fim de se sentirem em casa.

Avançada a idade das meninas, é notório as batalhas internas que elas enfrentam em consequência do desamparo cultural e identitário. Um exemplo disso é quando Yolanda desenvolve uma alergia quando certas palavras são proferidas, o que pode ser uma resposta externa psicológica aos traumas internos com que convive. Ademais, Sofia também é vítima de alterações de personalidade originárias, segundo Carla, do deslocamento cultural traumático:

Com uma filha repatriada com sucesso, Papi talvez nos arranque todas da faculdade e nos mande de volta. Sem mencionar que é absolutamente assustador que Fifi, a divergente, esteja tão mudada. Carla, na verdade, diz que é uma resposta esquizoide de borderline ao deslocamento cultural traumático.⁹

Na história de vida das meninas, ocorrem diversos fatores isolados que visam recluir as identidades dominicanas delas, e que tomaram uma grande dimensão negativa futuramente.

De acordo com Cucho em *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais* (1999), é através das práticas culturais, ou seja, da preservação das suas culturas, que os imigrantes dão sentido à sua existência e afirmam a sua humanidade. A proibição implícita de preservação das suas raízes causa a perda de sentido na existência das

⁸ “She should make an effort and not wish for what she always wished for in her homesickness. But just this last time, she would let herself: ‘Dear God’, she began. She could not get used to this American wish-making without bringing God into it. ‘Let us please go back home, please,’ she half prayed and half wished.” (ALVAREZ, 1991, p. 150).

⁹ “With one successfully repatriated daughter, Papi might yank us all out of college and send us back. Not to mention that it’s out and out creepy that Fifi, the maverick, is so changed. Carla, in fact, says it’s a borderline schizoid response to traumatic cultural displacement.” (ALVAREZ, 1991, p. 117).

meninas, visto que os costumes, como a comida, a música e a língua espanhola incomodam os vizinhos que reclamam constantemente para que Laura abaixe o rádio, comporte as meninas e não façam barulho. Esses comandos eram quase pedidos da inexistência dos García naquele lugar.

Para Yolanda, o seu próprio nome é modificado por outros durante a sua história. Seu lápis dizia “Jolinda”, um nome americano que a empresa de papelaria substituiu pelo seu próprio, e seu marido apenas se referia a ela pelo apelido que ele a nomeou, Joe, o que também é um nome não latino. Em comparação, quando retorna à República Dominicana, sua família se refere a ela de diversas formas, com vários apelidos afetivos, mas que ainda desconectam Yolanda de si mesma.

O próprio nome não é uma certeza na vida de Yolanda. Se o elemento identitário mais básico que um indivíduo pode ter, o nome, é intercambiável, a fragmentação identitária de Yolanda passa a ser melhor compreendida. Além das tentativas de apagamento de si que sofre diariamente em situações sociais do cotidiano norte-americano, o relacionamento com seu marido colabora para o desenvolvimento dos seus problemas psicológicos devido à natureza abusiva da relação.

A personagem se sente perdida com referência a quem ela foi, é, será e pode ser. Todas as versões do seu “eu” de cada fase de sua vida parecem estar emaranhadas na sua própria concepção a ponto que ela se sinta como se tivesse se perdido de si mesma. Essa confusão mental que Yolanda sofre acaba resultando em sintomas psicológicos, como a própria alergia, em que é incapaz de pronunciar seu nome verdadeiro, uma vez que não se identifica mais com ele: “Ela pensou em assinar, Yolanda, mas seu nome verdadeiro não mais soava como dela mesma, então, em vez disso, ela rabiscou o nome dele para ela, Joe”¹⁰.

Conforme Hall (2006), o deslocamento do sujeito de si pode ser chamado de descentração do sujeito, o que tem como consequência uma crise de identidade pelo indivíduo:

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, (“a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Mercer, 1990, p. 43). (HALL, 2006, p. 8).

As irmãs García vivenciam, em diversos momentos, essa crise de identidade, a não garantia do direito de descobrir e de ser quem são. Como abordado anteriormente, suas identidades são uma extensão do ambiente que as influencia e as constrói, contudo, a construção identitária das meninas nos Estados Unidos pode ser melhor entendida como uma tentativa de apagamento de uma particularidade, a nacionalidade dominicana, que não é aceita naquele espaço, do que apenas uma influência involuntária por conta da exposição em determinado ambiente.

No final do romance, conclui-se que, em todas as esferas das histórias de vida das irmãs García, elas foram constantemente bloqueadas pelos elementos sociais daquela realidade que vivenciavam nos Estados Unidos e isso foi o estopim para a

¹⁰ “She thought of signing it, Yolanda, but her real name no longer sounded like her own, so instead she scribbled his name for her, Joe.” (ALVAREZ, 1991, p. 79).

criação de diversas barreiras e traumas frutos da desidentificação com as pessoas e espaço.

A fim de que as meninas sejam capazes de se sentirem pertencentes e conectadas com os Estados Unidos, elas precisam aprender a se comunicar com a mesma linguagem deles. Essa linguagem transcende, apenas, a aquisição da língua inglesa, uma vez que implica questões individuais de preservação de suas particularidades identitárias híbridas.

Como a manutenção de suas individualidades dominicanas é fortemente desencorajada pelo ambiente que visa manter uma sociedade homogênea, elas são forçadas a adentrar esse padrão americano. Entretanto, suas memórias, costumes e cultura de suas terras natais não podem ser inteiramente apagadas, o que gera as crises identitárias pelas quais passam.

Yolanda aparenta novamente ter problemas com o elemento linguístico quando é relatado sobre o fim do relacionamento com o seu marido, visto que ela justifica o término pela divergência comunicativa entre eles. Por outro lado, Carla, quando criança, foi vítima de um crime sexual ao ser parada na rua por um motorista que estava com os órgãos genitais à mostra. Segundos antes de sofrer o atentado, ela é lembrada mais uma vez que não pertence àquele lugar, pois não compreende o que o homem está falando, antes de perceber o que realmente está acontecendo: “‘Eu não falo muito inglês’, ela dizia em uma voz baixa como forma de desculpa. Ela odiava ter que admitir isso, uma vez que essa confissão provava, sem dúvida, o argumento do grupo de meninos de que ela não pertencia aqui”¹¹.

Segundo Bauman, em *Identity*,

Afinal, o núcleo duro da identidade - a resposta à pergunta “Quem sou eu?” e ainda mais importante, a contínua credibilidade de qualquer resposta que possa ter sido dada a essa pergunta - não pode ser formada a não ser em referência aos laços conectando o eu a outras pessoas e a suposição que tais laços são confiáveis e estáveis ao longo do tempo. Nós precisamos de relacionamentos, e precisamos de relacionamentos nos quais temos importância, relacionamentos aos quais podemos remeter para definir a nós mesmos.¹²

Como as irmãs García têm grandes dificuldades em encontrar fortes conexões com o país e com os americanos, não conseguem definir os seus *selves*, pois não possuem como referência laços confiáveis e estáveis por muito tempo. Pelo contrário, o tipo de relacionamento que encontram é o de desprezo, visto, por exemplo, pela *La Bruja* no trecho: “Spics¹³! Voltem de onde vocês vieram!”¹⁴.

De acordo com o escritor Salman Rushdie (HALL, 2006, p. 89), a palavra “tradução” vem do latim e significa “transferir”, “transportar entre fronteiras”. As

¹¹ “‘I don’t speak very much English’, she would say in a small voice by way of apology. She hated having to admit this since such an admission proved, no doubt, the boy gang’s point that she didn’t belong here.” (ALVAREZ, 1991, p. 156).

¹² “After all, the hard core of identity - the answer to the question ‘Who am I?’ and even more importantly the continuing credibility of whatever answer might have been given to that question - cannot be formed unless in reference to the bonds connecting the self to other people and the assumption that such bonds are reliable and stable over time. We need relationships, and we need relationships in which we count for something, relationships to which we can refer in order to define ourselves” (BAUMAN, 2004, p. 68).

¹³ Termo depreciativo usado para nomear pessoas falantes da língua espanhola da América do Sul, Central ou do Caribe.

¹⁴ “Spics! Go back to where you came from!” (ALVAREZ, 1991, p. 171)

meninas García podem ter sido traduzidas durante o processo de transferência de suas terras natais para um país desconhecido. Hall (2006) explica que:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. [...] Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. (HALL, 2006, p. 88).

Como imigrantes, elas são os frutos de múltiplas culturas, histórias e memórias que dialogam entre si e isso se torna um problema quando esse diálogo causa conturbação, pois suas especificidades não são respeitadas.

Dessa forma, as identidades dominantes são aquelas aprovadas pelo contexto externo em que o indivíduo atualmente está, ou seja, nos Estados Unidos, as meninas são levadas a silenciar, o máximo que podem, as suas particularidades latinas, uma vez que não são condizentes com o que o país anglófono dita. Devido a esse conflito interno, a desconexão com ambas as identidades é estabelecida, assim como a frustração acompanhada do sentimento de não pertencimento e deslocamento existencial.

Ter uma identidade, uma identificação no mundo, é importante para as pessoas, mesmo que elas não reflitam sobre isso constantemente. Isso se deve ao fato de que a identificação com a sociedade e espaço em que se habita faz com que o convívio seja fluido, fácil de se sobreviver e adaptar. No caso das irmãs García, a não identificação com aquela realidade afeta todos os relacionamentos que tentam preservar, uma vez que a comunicação é incompatível. Elas residem em um simulacro da realidade e não são capazes de diferenciar as diversas características que carregam por serem dominicanas-americanas.

Considerações finais

É possível concluir que as identidades das irmãs García sofrem diversas mutações durante a narrativa, isto é, a história de vida delas. As identidades não são fixas, portanto, essas mudanças são esperadas. A questão é que essa metamorfose não foi fruto de processos que respeitam o seu tempo e identidades latinas, pelo contrário, ocorre devido ao banimento de certas particularidades e encorajamento pela criação de outras que são condizentes com o espaço – intolerante – que se encontram.

Dessa forma, elas são completamente imersas na cultura americana, o que tem como consequência o deslocamento de si mesmas, uma vez que não são capazes de acharem vínculos com seu país de origem e, por outro lado, não são acolhidas devidamente pelos Estados Unidos pelo fato de serem imigrantes. Esses conflitos as acompanham à medida que crescem nos Estados Unidos e, na vida adulta, enfrentam batalhas internas que causam desequilíbrios psíquicos que parecem apenas cessar quando retornam à República Dominicana, o seu lar.

Referências

ALVAREZ, Julia. *How The García Girls Lost Their Accents*. Chapel Hill: Algonquin Books of Chapel Hill, 1991.

APPIAH, Kwame Anthony. *The Lies that Blind: Rethinking Identity*. Liveright: New York, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Identity*. Cambridge: 2004, Polity Press.

CANDAUI, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: Verbum, 1999.

FERNANDES, Gisèle Manganelli. Formação de Identidade e Afirmação de Poder nas Produções Literárias dos Latinos nos Estados Unidos. *Raído*, Grande Dourados, v. 1, n. 2, p. 87-96, 2007.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

MATHIAS, Dionei. Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. *Scripta Uniandrade*, v. 16, p. 225-238, 2018.

MATHIAS, Dionei. Mães e filhas em Oscar Hijuelos e Junot Díaz. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 14, p. 180-192, 2021.

MATHIAS, Dionei. Todo poder à imaginação: concepção e concretização de alteridade. *Scripta Uniandrade*, v. 11, p. 97-112, 2013.

RAMIREZ, Luz Elena. *Encyclopedia of Hispanic-American Literature*. New York: Facts On File, 2008.

ROSARIO, Vanessa Pérez. *Hispanic Caribbean Literature of Migration*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

Para citar este artigo

SILVA, Lara Portella da. Deslocamentos identitários no romance *How the García girls lost their accents* de Julia Alvarez. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 2, p. 702-713, maio-ago. 2022.

A autora

Lara Portella da Silva é acadêmica do curso de Letras-Licenciatura – habilitação: Inglês e Literaturas da Língua Inglesa da Universidade Federal de Santa Maria desde 2020. Bolsista de Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa Literatura e Identidade da UFSM. Voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da UFSM.